Índice

A natureza da guerra em três atos 9

Ato I 13

Ato II 18

Ato III 30

Cartas 43

Carta n.º 1 45

Carta n.º 2 53

A natureza da guerra em três atos

A maior parte das peças teatrais é composta por três atos. Cada ato é composto por várias cenas, marcadas pela entrada e pela saída de personagens. No final de cada ato, cai a cortina e pode haver mudança de cenário. Este texto, sobre a natureza da guerra, deverá assim ser lido ao longo de três atos: com a respetiva exposição, clímax e desenlace.

O «Ato I», introdutório, tem como cenário o ano de 1932, uns anos depois do primeiro grande conflito à escala mundial. A trama anda em torno da impossibilidade de definição da causa da guerra. Os personagens principais são Einstein e Freud. O «Ato II», mais longo, interrompe a sequência cronológica e, em analepse, coloca-nos em 1832, à procura da resposta para a questão colocada no ato anterior. Agora, o pano de fundo é a Europa depois de Napoleão

e do Congresso de Viena. O personagem principal é Clausewitz. Por fim, temos o desenlace. O «Ato III» reflete então a contemporaneidade e a pós-humanização da guerra. O protagonista será o guerreiro contemporâneo.

Ato I:
«Existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça da guerra?»

Esta questão foi colocada por Albert Einstein e espoletou a correspondência com Sigmund Freud. O diálogo entre os dois data de 1932, como já dissemos. Temos assim um contexto específico: estamos no pós-Primeira Grande Guerra e em Genebra ainda vai funcionando a Sociedade das Nações de Woodrow Wilson, criada em 1919 e extinta em 1942.

Primeira cena – A suspeita

Estas cartas estão entre a memória de uma destruição sem precedentes e a esperança de um contrato social originário entre as nações que as obrigue a não se imiscuírem nos conflitos internos de cada uma, mas somente a proteger-se de ataques exteriores. Ainda não refletem a sombra dos ímpetos de Adolf Hitler. Veja-se que são dois intelectuais judeus que pensam o homem e a guerra antes da *shoah* e da perda da ingenuidade ocidental. Depois de Auschwitz e Hiroxima/Nagasaki, o mundo deixou de ser o

mesmo. Mas eles estavam longe de o saber. Assim, entre um passado de violência extrema e o devir de uma paz duradoura, Einstein e Freud pensaram a natureza bélica do homem. Mas não tiveram grande sucesso na certeza. E o seu debate serviu de pouco para a década vindoura.

Tal como Nietzsche e Marx, Freud suspeitava da relação entre a verdade e a palavra. Partindo de um desdobramento do sujeito, os três estabeleceram uma crítica à ideia moderna e cartesiana de que o sentido e a consciência coincidem. Puseram assim em causa a capacidade da razão humana para apreender o sentido do mundo. Paul Ricoeur definia-os como os mestres da suspeita. Eles mudaram o pensamento moderno ocidental. Apontaram a dúvida e a suspeita na certeza. Einstein poderia ser incluído neste trio. Ao inconsciente freudiano, à vontade de poder nietzschiana e ao imperialismo da vontade social dominante de Marx, podemos introduzir a relatividade geral de Einstein.

Ou seja, a refletir o porquê da guerra temos então dois pensadores que deram um golpe decisivo na pretensão soberana da racionalidade moderna. Mas, se em Freud assistimos a um ceticismo antropológico, em Einstein temos um certo otimismo preocupado. Ainda que de uma forma abrupta, podemos

dizer que no primeiro antevemos Thomas Hobbes – continuador de Maquiavel –, que escreveu o famoso *Leviathan* (1615), e, no segundo, Immanuel Kant, que escreveu *Zum Ewigen Frieden. Ein Philosophischer Entwurf*, ou *Paz Perpétua. Um Projecto Filosófico* (1796). Nenhum deles se supera. Não conseguem responder se algum dia terminará a guerra.

Segunda cena – A impossibilidade

O físico considera um Governo mundial que livre a humanidade da ameaça de conflitos armados. O psicanalista vê a guerra como uma expressão de um impulso destrutivo consubstancial ao humano e, como tal, a sua erradicação é impossível.

Mas atenção: ambos parecem considerar a segurança como sendo obtida através de um contrato social. Contudo, não obstante os estados anteriores à formação e ao exercício da soberania, nestas cartas subjaz que, tanto para Einstein como para Freud, as relações internacionais demonstram que esse estado prévio necessita de uma permanente racionalização que o submeta e o dispense do uso da força. Portanto, não obstante os avanços do Direito Internacional, a liberdade e a legitimidade de fazer a guerra carac-

terizavam a comunidade internacional em 1932. Discutir a guerra é discutir o cerne das relações internacionais, das entidades políticas que tendem a não reconhecer um poder político superior.

Veja-se que até à Primeira Grande Guerra não havia uma proibição do uso da força nas relações entre as nações. Aos estados cabia o direito de fazer a guerra. Porém, a mortandade de 1914-18 levou a que se ponderasse uma perspetiva que tivesse em conta os interesses superiores da humanidade, para além da ideia clássica de Estado soberano.

Foi na memória do número de intervenientes da guerra, das tecnologias militares e dos ataques às populações civis que, com certeza, estas cartas foram escritas. Porém, deste diálogo retiramos que o permanente conflito entre *eros* e *thanatos* de Freud impossibilita a *cosmo polis* de Einstein. À semelhança de Nietzsche ou até de Georges Sorel, para o psicanalista a violência imanente ao homem é fruto do seu instinto. E isso parece impossibilitar o projeto humanista de uma paz perpétua contratual. Em Einstein há um misto de reflexões ingénuas com algumas ideias radicais. A ingenuidade, por exemplo, por considerar que a alteração de métodos educativos poderia eliminar os obstáculos psicológicos que servem de base para a guerra. Radicalismo, ao ver

numa minoria política e social o grupo dominante que controla o sistema educacional, a imprensa e as instituições religiosas – capaz de influenciar as emoções das massas e de as tornar uma ferramenta para seu benefício.